

## Academia Brasileira de Ciências I

Um das mais importantes e exclusivas pesquisas desenvolvidas no Museu Nacional/UFRJ — e que pode estar completamente perdida — é sobre a pré-história da Antártida. Há dez anos, um grupo de paleontólogos da instituição fazia visitas periódicas ao continente gelado em busca de fósseis. E as incursões foram bem sucedidas. Entre as peças mais importantes achadas estava um fragmento de fóssil de pleiossauro, um monstro marinho que viveu há 80 milhões de anos, além de troncos de árvores pré-históricas.

“Uma parte da última coleta que fizemos na Antártida, no ano passado, estava no laboratório de preparação de fósseis, que fica no prédio anexo e não foi atingido”, contou a paleontóloga Juliana Sayão, que coordenou as últimas três expedições à Antártida e passou a madrugada de segunda-feira praticamente em claro, vendo o museu arder em chamas. “Mas fora isso, tudo indica que perdemos boa parte do material, dez anos de pesquisa. Não tenho palavras.”

A pesquisa de fósseis pré-históricos na Antártida é especialmente complexa por conta das condições climáticas. “Só para chegar na Antártida já é uma dificuldade enorme, poucos grupos no mundo inteiro escavam lá, que é uma área muito rica em fósseis”, explicou a pesquisadora. “O material que nosso grupo coletou lá durante esses anos serviria de base não apenas para as nossas pesquisas, mas também de outros países sobre como era a Antártida no passado.”

Na primeira parte do projeto Paleoantar, a equipe do paleontólogo Alexander Kellner, atual diretor do museu, passou 37 dias acampada na ilha de James Ross. Embora a ilha fique na Península Antártida, ela é bem distante da ilha Rei George, onde ficava a Estação Brasileira que pegou fogo em 2014. Por isso, a logística da expedição era ainda mais complexa, uma vez que os pesquisadores tinham que ficar acampados.

Ainda assim, o grupo conseguiu escavar nada menos que uma tonelada e meia de troncos de árvores pré-históricas – um deles com mais de quatro metros de comprimento, que estava em exibição no Museu Nacional. Numa das últimas incursões ao continente, o grupo levou mais de sete toneladas de equipamentos e mantimentos para ficar acampado durante 45 dias.

As pesquisas brasileiras na Antártida foram cruciais para revelar que, sob a camada de, em média, três quilômetros de gelo que recobre o continente, estão preservadas as provas fósseis de que, no passado, a região já abrigou uma floresta tropical frondosa e animais gigantes.

“Por conta das pesquisas, a gente sabe que a Antártida não era coberta de gelo como é hoje, pelo contrário, era uma vasta floresta tropical”, explicou Juliana. “E era banhada por um mar de extrema riqueza de animais.” Além disso, segundo a pesquisadora, os estudos ajudaram a estabelecer em que a Antártida se separou da América do Sul e a entender as mudanças climáticas em curso hoje no planeta.

Durante boa parte do Cretáceo (144 a 65 milhões de anos atrás), e até há 50 milhões de anos, um

clima bem ameno predominou na Antártida e favoreceu o crescimento de grandes árvores, com folhas de até 10 centímetros, e portanto, de animais, entre eles dinossauros e répteis igualmente grandes, e, posteriormente, mamíferos marsupiais. Atualmente, a média de temperatura registrada no verão é de 35 graus Celsius negativos no continente e 0 grau Celsius na península, o que torna a região praticamente inabitável.

No passado, no entanto, não era assim. A Antártida era unida aos demais continentes, na chamada Gondwana, e, por isso, seu clima era temperado. A separação só se configurou há 32 milhões de anos, quando a corrente fria que se dispersava pelo Oceano Pacífico passou a circundar a Antártida, isolando-a e resfriando-a.

No entanto, durante boa parte de sua existência, o continente era verde e cheio de espécies animais. As últimas árvores só desapareceram há 4,5 milhões de anos. O continente era habitado por dinossauros e outros animais gigantes. No mar, viviam verdadeiros monstros marinhos, como ictiossauros, plesiossauros e mosassauros.

Os plesiossauros eram répteis gigantes e carnívoros de pescoço longo chegavam a ter, em média, 5 metros de comprimento. O mais antigo fóssil de plesiossauro já achado na Antártida foi descoberto pelo grupo de Kellner; tem 80 milhões de anos.

“Perdemos não apenas o material fóssil em si, mas o conhecimento de uma região sobre a qual ainda se sabe muito pouco.”

Roberta Jansen para O Estado de São Paulo

# #museu nacional VIVE

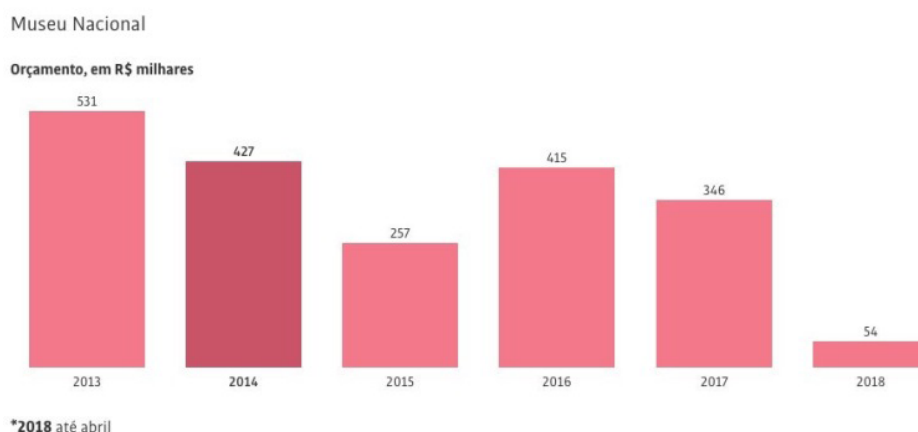


## Academia Brasileira de Ciências II

Morreu, aos 200 anos de idade, o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Com ele, uma parte importante da ciência e da memória do Brasil.”

Este epitáfio é de autoria do presidente da ABC, Luiz Davidovich, sobre a terrível tragédia que foi o incêndio do Museu Nacional, ocorrido na noite de 2 de setembro. “Uma tragédia para a ciência brasileira e para a ciência mundial. São 200 anos de conhecimento, de memória, de registros importantes que são perdidos nesse desastre, que reflete o descaso das autoridades com o conhecimento, com a ciência, com a história, com a memória do país. Foi mais um duro golpe para a sofrida ciência brasileira nesses últimos anos, vítima de sucessivos cortes orçamentários. Que esse seja um momento de reflexão sobre a importância do patrimônio histórico do nosso país”, destacou.

Davidovich ressalta que os cortes sucessivos que sofreu o Museu Nacional levaram ao que pode até ser considerada uma tragédia anunciada, em vista dos dados do gráfico abaixo.



De acordo com material enviado à ABC pelo Acadêmico Renato Cordeiro, de autoria do pesquisador do Departamento de Vertebrados do Museu Nacional da UFRJ, Paulo Backup, “os prédios dos Departamentos de Vertebrados, Departamento de Botânica, Biblioteca Principal, Pavilhão de Salas de Aulas, Laboratório de Arqueologia na Casa de Pedra, Anexo Alípio de Miranda Ribeiro, e anexo da coleção do Serviço de Assistência ao Ensino não foram atingidos. A sobrevivência do Anexo Alípio de Miranda Ribeiro é importante, pois continha algumas coleções de invertebrados e dipterologia. O prédio principal – Palácio da Quinta da Boa Vista – teve perda total, com a possível exceção da coleção de material tipo de moluscos que pude ajudar a salvar graças a um técnico da Coleção que nos guiou em meio à escuridão. Os funcionários que participaram do mutirão dos últimos momentos estão de parabéns pela coragem e dedicação, embora muito pouco tenhamos conseguido fazer.

As grandes perdas foram os materiais da exposição e as coleções situadas no prédio principal: arquivo e acervo histórico, maior parte das coleções entomológicas, antropológicas, coleções de aracnologia e crustáceos. O acervo de paleontologia e mineralogia talvez possa ser parcialmente resgatado, se for feito um trabalho cuidadoso após o rescaldo. Das coleções de vertebrados, perderam-se os exemplares das exposições antigas que seriam incorporados na nova exposição, mas a maior parte do acervo científico está preservada. Por enquanto é isto. Vou tomar um banho para lavar a fuligem e restos de carvão e este cheiro miserável de incêndio e destruição.”.

Mas a esperança sobrevive. Um grupo de estudantes de museologia da UniRio está divulgando amplamente nas redes sociais uma campanha para que quem tenha fotos do Museu envie-as para que seja organizado um acervo de memórias pessoais, tornando-as coletivas. Vamos colaborar.

O especialista em tecnologia Ronaldo Lemos também se manifestou e criou, em forma de abaixo-assinado, uma carta em defesa do Museu Nacional: pela ciência, tecnologia, educação e cultura no Brasil. Para apoiar a iniciativa, clique aqui.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no Brasil publicou em seu site uma nota lamentando “a perda incalculável para a cultura, a ciência e a história natural” resultante do incêndio que atingiu o Museu Nacional.

O presidente da ABC aponta para que as forças da nação se dirijam para a reconstrução do Museu Nacional. “Começar de novo. Vamos começar hoje, 2ª feira, 3 de setembro, a reconstrução do Museu Nacional. Porque um país sem memória vai ter dificuldade de construir seu futuro.”

Em depoimento para a ABC, o historiador e Acadêmico José Murilo de Carvalho declarou: “O ano de 2018 já tem sua marca. Não serão as eleições presidenciais, seja qual for seu resultado. Será o crime de lesa-pátria, cometido ao longo de anos por sucessivos governos, o crime de desinteresse e negligência em relação ao Museu Nacional que levou a sua extinção pelo fogo. Pela importância arquitetônica do prédio, pela riqueza fabulosa do acervo que registrava nosso percurso desde a pré-história, pelo que representou como uma de nossas mais importantes instituições de pesquisa, a morte do Museu é também a morte de parte de nossa história e de nossa cultura. Qual pode ser o destino de uma nação que comete tais crimes?”



Diante da tragédia desta noite (02/09/18) os estudantes do curso de museologia da UNIRIO estão se mobilizando para preservar a memória do Museu Nacional, pedimos a todos que possuem imagens (fotografias/ vídeos/ até selfies ) do acervo e espaços expositivos que compartilhem conosco, enviando para o email: [thg.museu@gmail.com](mailto:thg.museu@gmail.com)